

A PRESIDENTA

A primeira vez que ouvi falar em Nádía Somekh foi num congresso de arquitetura. Estava no saguão do auditório principal do evento logo após o encerramento da conferência de abertura quando passou um rapaz esbaforido que começou a gritar: “pessoal, vai ter uma conversa com a Nádía Somekh aqui mesmo, daqui a pouco”. Quando o café esfriou e a multidão começou a dispersar para seus respectivos grupos de trabalho, vi aquela mulher alta com uma roupa classuda estilo “professora da USP”, parecendo uma deusa egípcia ou rainha desenhada por Gosciny & Uderzo, sentar-se ao chão com uma moçada em círculo que aguardava sua fala.

Só depois vim a saber quem era. Somekh é professora emérita de arquitetura no Mackenzie, com premiações na França e exerceu um punhado de cargos públicos, como secretária de governos municipais, diretora do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo (2013-2016), quando concebeu a Jornada do Patrimônio na cidade de SP. Também foi presidente da EMURB. Estudiosa do processo de verticalização das metrópoles, seu livro “A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador” tornou-se um clássico.

No entanto, só fui conhecê-la pessoalmente em 2016, no dia da abertura de exposição de aquarelas que Atalie fez em São Paulo. Levada por uma amiga comum, a arquiteta Lela Rossetto, fizeram uma sondagem: estavam montando uma chapa para disputar o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU) e se eu teria disposição para ser o suplente de Nádía ao Conselho Federal. Tomei um susto, pois não pensava nisso. Felizmente, para todos os envolvidos, inclusive os milhares de arquitetos paulistas, a chapa logo definiu a muito mais competente Heleninha Ayoub (que lecionou em Franca no início da carreira) para a suplência da Nádía a federal e fiquei como suplente na chapa estadual.

Participar das eleições e do conselho do CAU-SP nesta altura da vida profissional foi uma experiência enriquecedora e frustrante ao mesmo tempo. Elegemos Nádía para representar os paulistas em Brasília, nossa chapa ganhou, mas não levou. Como o conselho do CAU funciona como uma espécie de parlamentarismo, as outras chapas se uniram e nos alijaram do comando, ficamos três anos na oposição com poucos resultados diante da inércia administrativa do grupo majoritário. Frustração que se agravou porque, nos anos 70, participei do CREA (não existia ainda o Conselho exclusivo dos arquitetos) e os problemas dos profissionais eram muito parecidos, as queixas idem, mas a inércia burocrática ainda mais castradora das soluções necessárias para ampliar a presença da arquitetura e urbanismo na vida das pessoas.

Frustrado, resolvi cair fora do CAU nas últimas eleições. Felizmente, fui surpreendido pela decisão de Nádía e centenas de outras arquitetas, de montar uma chapa exclusivamente feminina (as mulheres são 60% das arquitetas paulistas, mas o conselho do CAU sempre foi majoritariamente masculino). Venceram de lavada, as mulheres agora são maioria na direção do CAU paulista. E mais surpreendente, Nádía Somekh foi eleita a presidenta nacional do CAU, a primeira da história. Mais do que aquele pequeno círculo, Nádía agora tem plateias bem maiores. Que sua gestão seja tão profícua quanto sua atuação na vida pública e na academia.

Mauro Ferreira é arquiteto.